



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida**

**Manaus-AM, 16 de junho de 2010**

Eu vou falar daqui mesmo. Eu ouvi uma conversa de refinaria, não entendi o que foi esse negócio de refinaria.

\_\_\_\_\_: Não, surgiu um boato aqui, Presidente.

\_\_\_\_\_: Tem um documento aqui, Presidente, para entregar para o senhor (incompreensível)

**Presidente:** Mas de onde você ouviu isso?

\_\_\_\_\_: (incompreensível)

**Presidente:** Não, mas deixa eu fazer uma pergunta, meu filho: de onde você ouviu um boato que você transforma em um documento?

\_\_\_\_\_: Não, não só existem boatos. Existem informações privilegiadas...

**Presidente:** De quem?

\_\_\_\_\_: (incompreensível)

**Presidente:** Mas deixa, deixa eu contar uma coisa, deixa eu contar uma coisa para vocês. Olhe, primeiro, preste atenção numa coisa, companheiro. A Petrobras, ela manterá todos os investimentos para a modernização das suas



refinarias, porque a Petrobras produz gasolina com teor de enxofre inadequado, produz óleo diesel com teor de enxofre inadequado, e nós estamos modernizando em todos os estados da Federação, para que a gente possa cumprir com as decisões do acordo inclusive, feito, do Ministério do Meio Ambiente com a indústria automobilística, de a gente se adequar às emissões de enxofre que sejam adequadas à sobrevivência humana. Portanto, não haverá nenhum corte de investimento nos investimentos da Petrobras.

Bem, eu vim falar do Minha Casa, Minha Vida.

Eu quero cumprimentar o nosso governador Omar Aziz,

O ex-governador Eduardo Braga,

O nosso companheiro, ministro interino das Relações Exteriores,  
companheiro Patriota,

O Wagner Rossi, da Agricultura,

O Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,

O Marcio Fortes, das Cidades,

Cumprimentar o companheiro Franklin Martins, da Secretaria de  
Comunicação Social da Presidência da República,

Cumprimentar o ex-ministro e companheiro, senador Alfredo  
Nascimento,

O companheiro senador Jefferson Praia,

A deputada Vanessa Grazziotin,

O companheiro Amazonino Mendes, prefeito de Manaus,

A nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho,  
presidente da Caixa Econômica Federal,

Cumprimentar... Você continua sendo presidente do Inpa ainda, ô  
Marilene? Já saiu?

Cumprimentar o ex-prefeito,

Cumprimentar o Ricardo Gontijo, que fez uso da palavra.



Vou ser muito breve aqui – porque no início eu tinha pedido que só falasse a Caixa Econômica Federal, nós já falamos em seis aqui – para dizer para vocês o seguinte. O Brasil está passando por um momento de provação: se nós somos capazes ou não de fazer as coisas que precisam ser feitas. Ontem ou antes de ontem, eu fui à região de Uberlândia, fui fazer um conjunto de inaugurações, um conjunto de ordens de serviço para a construção de novas estradas e recapeamento de novas estradas, e, Alfredo, o ministro Paulo Sérgio, que era o teu chefe de gabinete, estava na cidade de Passos, eu estava em Uberlândia, o [representante do] Dnit estava em Curvelo e o outro ministro estava em Guaxupé. Então, nós fomos inaugurar um conjunto de obras. Ontem eu fiquei sabendo de uma notícia, que a gente só fica sabendo de quando em quando. É que quando eu tomei posse, o ministro [Ministério] dos Transportes, como um todo, só tinha para investir, no ano de 2003, R\$ 1 bilhão para o Brasil inteiro, e somente antes de ontem, na região de Minas Gerais – envolvendo a região de Guaxupé, Curvelo, Uberlândia e Passos –, nós investimos três vezes o que nós investimos no Brasil inteiro sete anos atrás, ou seja, R\$ 2 bilhões e 700 milhões.

Esta moça que acabou de falar agora, ela deu um número para vocês, que somente até agora – portanto, mês 6 – nós já fizemos mais investimentos do que nós fizemos no ano inteiro de 2008, somente em seis meses. Mas prestem atenção: em 2003, a gente só tinha R\$ 5 bilhões para investir em habitação. Este ano... No ano passado investimos R\$ 47 bilhões, e ela, agora, está metida a querer investir R\$ 55 bilhões este ano.

Meu caro Ricardo, quando eu decidi construir o programa Minha Casa, Minha Vida, a primeira atitude minha foi pedir para a ministra Dilma Rousseff chamar um grupo de empresários e discutir a possibilidade de a gente lançar um grande programa habitacional. Para minha surpresa, para minha surpresa, os empresários disseram à Dilma que só tinham condições de fazer investimento, de fazer um programa de 200 mil casas. Então eu disse para a



Dilma: olhe, você diga aos empresários que 200 mil casas não é programa. É fazer o que a gente já faz hoje. Eu estou querendo saber se nós temos estrutura para mudar de patamar, para fazer um milhão de casas. Os empresários com quem ela conversou ficaram muito ressabiados com o desafio porque achavam que não tinham estrutura. Eu pedi, então, para a Dilma conversar com o ministro Guido Mantega, com a Caixa Econômica Federal, para saber se era possível a gente montar a estrutura. A verdade é que ninguém acreditava que fosse possível fazer. A última vez, antes de eu decidir, a Dilma me trouxe a informação de que era possível construir com o Ministério da Fazenda - não sei se com a estrutura da Caixa Econômica Federal - a construção de um programa de 500 mil casas por ano. Eu falei: Dilma, isso não é grande programa, eu quero um grande programa, Dilma. Eu quero um milhão de casas próprias, para a gente provar que é possível fazer.

Bem, vai que vai, meu caro, vai que vai, vai que vai, vai que vai, vai que vai, vai que vai, nós descobrimos que a dificuldade de fazer casas no país era que nós estávamos habituados a fazer a mesmice desde o BNH, em 1966. E não se inovava, não se criava nada, então era melhor ficar todo mundo fazendo o que fazia sempre. Para que criar dor de cabeça? E nós descobrimos uma quantidade de coisas absurdas que tinha para o financiamento de casa própria, que não era culpa de ninguém, individualmente, que era culpa da estrutura, era culpa da estrutura que estava montada no país. Ou seja, nós chegávamos ao absurdo de cobrar, de seguro de vida de uma casa, mais do que a prestação da casa.

Então, nós tomamos a decisão de fazer uma limpeza, foram quase dois meses de reunião, Maria Fernanda, dois meses de reunião discutindo artigo por artigo, desmontando as coisas, até que nós construímos o projeto de um milhão de casas. Esse projeto de um milhão de casas tem, certamente, um forte subsídio do governo brasileiro, tem um forte subsídio do Tesouro Nacional. Se não tivesse o subsídio, a gente não conseguiria fazer essa



quantidade de casas.

Pois bem, mas mesmo com tudo isso, nós mapeamos o Brasil, proporcionalmente para cada estado, e decidimos uma quantidade de casas para cada estado. Então, o Amazonas tem uma quantidade de casas, me parece que o projeto total era de nove mil e poucas casas, quase 10 mil casas, das quais um tanto seria de zero a três salários mínimos, outro tanto seria de três a seis, outro tanto seria de seis a dez salários mínimos. Porque nós queríamos privilegiar a parte a sociedade que mais tinha dificuldade de ter acesso à casa, que eram os companheiros de zero a três salários mínimos.

Pois bem, nós fizemos isso, começamos a trabalhar, começamos a trabalhar, todo mês a gente tinha uma reunião de avaliação, em que eu aproveitava para desabafar as minhas angústias com meus companheiros. E foi indo, a gente percebeu que na Caixa tinha muita gente que não estava habituada e, portanto, não preparada para fazer isso. Nós tínhamos que contratar muitos engenheiros, tivemos que contratar muita gente. Teve algumas pessoas da Caixa, que a primeira coisa que fizeram foi entrar em greve quando a gente começou o Programa, foi entrar em greve, numa forma irresponsável, irresponsável. Entrar em greve num momento em que, depois de 20 anos sem a Caixa criar nada novo, na hora em que a Caixa apresenta um programa para ajudar a parte mais pobre da população, determinadas pessoas acharam que era a hora de fazer greve e obter as coisas que precisavam obter ou que tinham direito de obter. Eu achei uma irresponsabilidade.

É como muitas usinas de brita. Nós tínhamos muitas usinas que estavam quebrando, neste país, porque não tinham para quem vender brita. Aí a gente começa a fazer obra, eles dobraram o preço da brita neste país, dobraram o preço da brita neste país, de forma irresponsável. Tem algumas pessoas, no Brasil, que acham que o Estado brasileiro deve existir e funcionar só para as pessoas que trabalham para o Estado, e o povo que se dane. E não é assim.



Foi um trabalho imenso, e eu dizia para a Maria Fernanda: mande descontar os dias. Você quer ver um cara aprender a fazer greve é ele perder os dias. Eu fiz greve na minha vida, e fiz as maiores. Eu fazia assembleia com 100 mil trabalhadores, e eu nunca aceitei que um trabalhador pedisse para eu reivindicar dias parados. Greve era guerra, não eram férias. Se o cara faz greve e recebe os dias parados, recebe o domingo e ainda vai reivindicar hora extra, que diabo de greve é essa? Então eu dizia para os trabalhadores, Maria Fernanda, eu dizia para 100 mil pessoas: se quer fazer greve, eu vou perguntar. Você pode levantar a mão ou não levantar a mão. Agora, se você levantar a mão, não espere que eu vá fazer piquete na porta de fábrica e não espere que eu vá pedir para o patrão os dias parados. Se você quiser que eu vá fazer piquete ou quiser ganhar os dias parados, pode ir trabalhar já, não precisa entrar em greve.

Foi com essa responsabilidade que eu me transformei num importante dirigente sindical neste país, porque eu tinha coragem de começar uma greve e tinha muito mais coragem de terminá-la. Nunca tive medo de ir para uma assembleia falar: a greve acabou e acabou porque o sindicato quer que acabe, porque essa greve está nos levando ao desgaste. Agora, está cheio de gente que decreta greve e não tem coragem de ir para a assembleia mandar parar a greve. Então, aí não é liderança, me desculpem. Líder é líder nos bons e nos maus momentos. É assim que a gente constrói uma liderança.

Pois bem, nós tivemos muita dificuldade, muita dificuldade, muita dificuldade, as casas não saíam, contratava, e xingava o Hereda. O Hereda ia... ficava lá de cara feia, e de vez em quando vinha a Maria Fernanda. A gente nunca vai brigar com uma mulher como a gente briga com um homem barbudo. O dado concreto é que levou tempo, levou tempo para a coisa engrenar.

Pense numa coisa demorada para analisar projeto, é a Caixa Econômica Federal. Pense! Agora, pense por que... Agora, pense por que eles demoram, pense por que eles demoram. Eles demoram porque nós que fazemos as leis,



porque nós que fazemos as leis, nós criamos uma série de obstáculos. Se um companheiro da Caixa libera um projeto e, sobre aquele projeto, um deputado faz uma acusação ou o Ministério Público, o companheiro da Caixa tem seus bens colocados em disponibilidade e ainda tem que encontrar advogado e pagar do seu bolso para poder se defender. Então, as pessoas preferem não liberar. É justo, porque nós é que criamos as condições para que, sobre um funcionário que libere, recaia muita, muita suspeita. Basta que um picareta acuse de corrupção, para um funcionário se lascar. E somos nós que cuidamos disso, Vanessa, somos nós. Quando a gente está no Congresso Nacional, a gente acha que pode tudo do ponto de vista de fiscalização, e vai criando...

Eu lembro que uma vez eu vetei uma lei, eu vetei uma lei, Eduardo, que foi aprovada, que dizia o seguinte: o funcionário que liberar um projeto e esse projeto cair sob suspeição, esse funcionário será – como é que se fala? – exonerado, terá seus bens disponibilizados e vai responder a processo. Essa é a chave para o cidadão sentar em cima e falar: “Esse Lula só tem quatro anos de mandato. Por que é que eu vou fazer as coisas que ele pede? Eu não vou fazer, deixa ele se lascar. Quando ele sair, vem outro...” Porque é assim. Vocês imaginem, o governo é a locomotiva; a máquina pública é a máquina, a máquina. O funcionalismo público está lá, a máquina, a estação do trem, parada, e o trenzinho vem – “pipipi” –, vem o Lula, vem o Fernando Henrique Cardoso, vem o Collor, vem o Itamar, vem o Sarney, vem o Getúlio, vem o Brizola, todos nós ficamos só quatro anos, e máquina está lá, “impávido colosso”. A gente buzina, faz fumaça, grita daqui, entra passageiro, sai passageiro, a máquina está lá. Então, ele fala: “Eles são passageiros, por que é que nós vamos perder a cara?”

Ô gente, eu vou contar uma coisa para vocês, eu vou contar uma coisa. Hoje... eu vou contar isso para entrar no assunto que eu queria falar aqui. Hoje, vocês sabem que mudou o negócio de greve, mudou. Agora, você não precisa mais fazer greve. No meu tempo, a gente fazia passeata de milhares de



peessoas; o governo podia ter medo. Hoje, não. Hoje as pessoas contratam, primeiro, um cara para colocar faixa. Aí vai um cara na frente, enche de faixas. Aí, contratam um cara com uma corneta, para ficar como esses... vuvuzela, aí, da África do Sul “fon-fon-fon”, o dia inteiro, e contratam um outro para soltar rojão de três em três horas. Parece aquela meninada que está avisando “ó, vem a polícia aí”, para o narcotráfico correr nas favelas. Então, virou uma coisa meio maluca.

Então, companheiros, nós estamos diante de uma, diante de uma coisa, eu diria, quase revolucionária, que é testar a nossa capacidade de fazer as coisas bem feitas neste país. Quando nós separamos as casas por faixa salarial, nós estamos descobrindo o que, hoje? Que todo mundo quer fazer casa de zero a três [salários mínimos], todo mundo quer fazer. Não, é porque é maioria, aqui também é maioria, aqui também é maioria de zero a três [salários mínimos], em Pernambuco é de zero a três [salários mínimos], em São Paulo é de zero a três [salários mínimos], na maioria. Acontece que, acontece que nós temos um milhão de casas para fazer. Então, o que nós agora vamos ter que tomar decisão, companheiro Marcio e companheira Maria Fernanda? Nós estamos, já, com quase 500 mil já resolvidas, já contratadas e já em execução. Nós temos mais 900 mil projetos na Caixa sendo analisados e nós temos, já, o fim das casas de zero a três [salários mínimos]. Nós agora temos que ir para outra. Já tem gente querendo fazer contrato com o governo para pegar o PAC 2. Tem gente que fala: “A gente não pode fazer de três a dez [salários mínimos], vamos então dar um pulinho, a gente sai do PAC 1 e vai para o PAC 2, a gente já pega de zero a três [salários mínimos] do PAC 2.” Não, não é possível fazer assim.

Então, nós vamos ter que discutir, companheiro Marcio, companheira Maria Fernanda, vamos ter que premiar os estados que melhor elaboraram projetos e que apresentaram as melhores propostas. Porque, senão, você não pode ficar com casa pronta para ser feita, tem um estado que está demorando,





tem outro que está rápido, você prejudicar quem está rápido para aguardar quem está esperando? Não! Nós vamos ter, nós vamos ter que premiar os que tiveram mais competência, mais agilidade, e que fizeram mais rápido. Então, nós vamos logo, logo, ter uma discussão para a gente fazer... “desentrusar” logo esse um milhão do PAC 1 para a gente só entrar no PAC 2 quando a gente tiver zerado o PAC 1. Eu fico muito feliz que a gente tenha, em apenas um ano, resolvido o problema de um milhão de casas. Não feitas ainda.

Eu queria dizer à companheira Maria Fernanda, ao Marcio, aos governadores, aos prefeitos, que é preciso tomar cuidado com a qualidade das casas. Olhe, olhe, eu estou dizendo isso porque, eu estou dizendo isso porque o que eu estou falando aqui eu falo nos meus discursos. Eu fui lá inaugurar casas no Rio de Janeiro. E se é um prediozinho, pelo amor de Deus, nós temos que ter uma varandinha de, pelo menos, 1m<sup>2</sup>. Eu não sei o quanto vai encarecer, mas gente, o cara já mora em um apartamento de 40m<sup>2</sup>. Se a mulher resolve dar umas bordoadas nele, ele não tem uma válvula de escape, meu filho! Ele tem que ter um lugarzinho. Se ele... Bem... além de outras coisas! Tem dia em que as pessoas não estão bem, e as pessoas precisam de uma varandinha. Um metro, um metro, não precisa de dois metros, não precisa de uma sacada para colocar um daqueles negócios compridos de tomar banho de sol. Não! É a valvulazinha de escape, tanto para a mulher como para o homem, para o cara sentar. O cara fuma, o cara fuma, a mulher não gosta que ele fume, ele tem lá... Ele não precisa sair para a rua, ele vai lá na sacadinha dele e dá a baforada dele. Você que fuma muito, Amazonino, você tem que ter a sacadinha. Então, essa é uma coisa que eu tenho pedido ao Marcio, pedido à Maria Fernanda para levar em conta.

Outra coisa é o seguinte. Quando a gente constrói um conjunto habitacional de três mil casas ou duas mil casas, na verdade nós estamos fazendo, de uma só vez, uma cidade. Nós estamos fazendo uma cidade, porque duas mil casas significa você ter – quatro por casa –, significa você ter



oito, nove, dez mil pessoas. Então, significa que junto àquele conjunto tem que ter escolas suficientes para as crianças, tem que ter arborização para as crianças, tem que ter saneamento básico para a sociedade, tem que ter escola... posto de saúde para as pessoas, tem que ter área de lazer para as pessoas. É preciso... Eu falei escola, meu amor, falei. Eu falei... Hein? (incompreensível). Tem que ter alguma coisa, porque se a gente não cuidar disso, sabe o que a gente pode criar? A gente pode criar uma favela de tijolos. Vocês imaginem, eu fui a uma casa... Onde foi que nós fomos? Lá... Governador Valadares. Eu fiquei arretado. Pense! Fizeram um monte de casinhas, aquelas casinhas não tinham muro. Então, eu fiquei pensando: imaginem duas vizinhas aqui, os cachorrinhos se pegando lá embaixo, as duas grudadas no cabelo, uma brigando por causa do cachorro da outra... por causa de um murinho de meio metro de altura, um muro para separar, para alguém querer criar uma galinha, criar alguma coisa. Até para garantir a cidadania. Pode ser um murinho com uma lajota só de pé, assim, mas tem que ter.

Outra coisa: eu cheguei em uma casa, a casa não tinha acabamento por dentro. Assim, a casa é feita, é entregue, o cimento meio rústico... Não são todas assim, tem casas de qualidade. É um programa que tinha, que acho que nem tem mais, tem? Não tem forro, não tem piso, o piso é meio rústico. “Ah, para o cidadão acabar”. É só quem não sabe como mora pobre, para imaginar que ele vai entrar dentro de casa para depois acabar a casa. Não tem onde entulhar as coisas. Você quer ver como pobre guarda sujeira é [fazer] mudança. Cada vez que eu ia mudar de uma casa, era um tanto de coisa que a gente tinha, que eu não sabia onde, “peste”, estava aquilo, mas aparecia no caminhão de mudança.

Então, eu acho que nós temos que reparar um pouco, ter um cuidado, fazer... Ô meu Deus do céu, eu fui a uma casa esses dias... a Maria Fernanda brinca comigo, mas eu estava em uma casa em Recife, esses dias, e a janelinha era pequena. Eu fiquei logo pensando, o cidadão morando na casa



com a mulher dele, namorados, Dia dos Namorados, lua cheia, o cara querendo botar a mão no ombro da mulher e ficar olhando a lua. Não cabiam os dois, gente! Na janela só cabia um! Eu falei: pelo amor de Deus, façam uma janela um pouquinho maior, um pouquinho maior. Não custa nada, gente! Não é porque é pobre que a gente tem que tratar... Você vai à casa de rico, você vai à casa de rico, tem porta que quando abre parece um campo de futebol. E por que é que o pobre tem que ter só uma pequenininha assim?

Então, eu tenho ponderado ao Marcio, à Maria Fernanda para conversarem com os empresários para a gente melhorar um pouco a qualidade, gente! Melhorar, para dar tempo de as pessoas... Gente, eu morei em casa de 33 metros quadrados. Eu, quando casei, em... quando eu fui morar com a Marisa, a minha casa, ela tinha 33 metros quadrados. Eu sei que desgraça que era, quanta joelhada eu dei na cabeceira da cama para passar para o meu lado, para dormir, eu sei. A cozinha, se eu abrisse a porta da geladeira, eu não podia acender o fogão. Eu morei muito tempo assim, muito tempo. Então, eu sei como é que é a vida destas pessoas aqui. É preciso a gente cuidar, cuidar... Ninguém quer nada de luxo. O Marcio estava em uma reunião, uma vez, eu fui discutir a gente baratear material de construção civil, Maria Fernanda. Baratear, vender no depósito mais barato, vender tudo o que for possível mais barato. Aí uma pessoa falou assim para mim. Eu falei: azulejo e cerâmica, está barateando? “Ah, não, Presidente, porque azulejo e cerâmica é coisa de rico”. Ô gente, eles não sabem que se pobre pudesse, colocava azulejo até na cabeça, de tão bom que é ter azulejo. Quem é que não quer ter azulejo até o teto? O chuveiro com azulejo... Todo mundo quer.

Então, eu só queria ponderar que a gente fosse melhorando... Esse um milhão de casas, mais dois milhões de casas é um processo de a gente ir aperfeiçoando, com a participação dos movimentos sociais, que tiveram... É importante lembrar, Marcio, que esses movimentos tiveram muita importância na construção do projeto. E as casas que têm sido construídas por mutirão, viu,



Ricardo, seria importante que você visse algumas casas construídas por mutirão, feitas por eles, têm sido casas de qualidade, tem sido feito casas de qualidade.

Então, eu acho que a gente pode fazer, a gente pode fazer melhor. Ninguém está querendo nada de mais. Nós estamos querendo apenas fazer o essencial para uma pessoa entrar dentro e falar: “Agora, sim, eu sou cidadão brasileiro, sou tratado e respeitado como todo mundo”. Dinheiro tem, o governo está gastando... Gastando, não. Estamos fazendo muito investimento, não é pouca coisa. Não é pouca coisa o que nós estamos fazendo, e vocês sabem que a gente não mede sacrifícios.

O programa Luz para Todos já gastou R\$ 12 bilhões. Eu duvido que qualquer governo, daqueles formados não sei onde, tivesse a pachorra de colocar R\$ 12 bilhões para levar luz para a casa de pobre que não pode pagar energia. Duvido. E aqui para o estado do Amazonas está vindo uma fábrica, está vindo uma fábrica para construir postes de lâ de vidro, é mole? Um poste que pesa 130 quilos contra 390 de um poste de madeira e uma tonelada de um poste de cimento. O programa Luz para Todos, só para vocês terem ideia, já utilizou 1 milhão e 100 mil quilômetros de fios, dá para enrolar a Terra sete vezes. Eu, agora, quando sair da Presidência, já que eu não tenho mais o que fazer, vou enrolar a Terra com os fios que a gente fez. Cinco milhões e oitocentos e sessenta mil postes, 786 mil transformadores, e a energia vai de graça para os pobres deste país. Tem gente que fala: “Mas, Lula, levar energia, tem sete quilômetros de uma casa para outra? Você já viu quantos postes vão, quantos fios vão? Ora, eu não tenho opção. Esse cidadão é brasileiro, ele tem o direito de ser tratado tão bem quanto aquele que mora longe. Ou eu levo luz para ele ou eu convenço ele a vir morar na cidade e dou uma casa para ele. Como eu acho importante que ele fique morando lá porque está ajudando a tomar conta da Amazônia, está vivendo na sua origem, na sua terra natal, eu quero ajudá-lo.



Então, companheiros e companheiras, eu vou dizer para vocês uma coisa: nós chegamos, nós chegamos a um nível que nós não temos o direito de jogar fora. O acúmulo que nós construímos nesses últimos anos foi uma coisa muito importante e não foi mérito do Presidente da República, não. Isso aqui foi uma construção que nós fizemos juntos, porque foram 68 conferências nacionais, 68 conferências nacionais... Eu fiz conferência de qualquer coisa que você possa imaginar, Amazonino. Mas, antes de chegarem os delegados lá em Brasília, eles faziam conferências municipais, conferências estaduais e faziam a conferência nacional. O povo da cidade sabe, o povo da cidade sabe que grande parte das políticas que nós colocamos em prática são eles que constroem, são eles que constroem, e nós agradecemos a isso.

Por isso, eu acho que o estado do Amazonas tem que se preparar, porque se ele foi ágil e preparou mais casas, nós podemos discutir mais casas ainda para o estado do Amazonas, porque eu tenho, eu tenho fé em Deus, eu tenho fé em Deus que nos próximos anos a gente pode, um dia, anunciar que acabou o déficit habitacional neste país. Tenho fé em Deus! E tenho fé em Deus também que a gente possa ter casa... Diferentemente do que a gente tinha 30 anos atrás, a gente ter casa, a gente ter água encanada, a gente ter coleta de esgoto e a gente ter tratamento de esgoto, para que não seja jogado *in natura* no rio Amazonas, no rio Negro ou no Oceano Atlântico. Essa é uma coisa que nós vamos ter que mudar.

Portanto, companheiros e companheiras, eu, mais uma vez, quero parabenizar a atitude da Caixa Econômica Federal, porque a Caixa evoluiu de forma extraordinária, evoluiu, e eu penso que vai evoluir muito mais, porque todos nós estamos aprendendo, e quanto mais os governadores e os prefeitos forem exigentes, mais nós temos condições de acertar.

Por último, companheiros, prefeitos, governadores, (incompreensível), nós estamos começando uma luta muito séria contra o crack no Brasil. Vocês sabem que o crack é uma droga, eu diria, quase mortal porque, diferentemente



das outras drogas, ele causa um efeito muito maior e o efeito da droga é de apenas cinco a 15 minutos. Portanto, a pessoa tem que fumar o cachimbo várias vezes. E nós ainda não temos especialização, no mundo, para cuidar do crack, não temos no mundo. Nós estamos começando um programa em que a gente vai ter que envolver governadores de estados, prefeitos, movimento sindical, movimento social, igreja católica, igreja evangélica, Congresso Nacional, assembleia legislativa, ou seja, todo mundo e a sociedade organizada, para ver se a gente consegue derrotar essa praga. Ela é muito grave porque como é muito barata, ela chega aos pobres com muito mais eficácia, e ela é resultado do combate à cocaína. Na medida em que diminui a venda de acetona e de éter e, portanto, você não pode fazer a “coca” refinada, as pessoas estão vendendo a pasta, a pasta, eu diria, bruta, e é a pasta bruta que é a desgraça. Só para vocês terem ideia, no Rio de Janeiro o crime organizado não deixava o crack entrar nas favelas porque competia com eles. Pois o crack já entrou também nas favelas do Rio de Janeiro. Não é mais uma droga da capital, é uma droga que está chegando às cidades do interior. Então, é um inimigo que não tem partido, não tem religião e não tem time de futebol. Todos nós, juntos, temos que dar as mãos para a gente derrotar essa praga que pode trazer um prejuízo enorme ao futuro da sociedade brasileira.

Um abraço, companheiros, e até a próxima vez, se Deus quiser.

(\$211A)